



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Análise da linguagem oral de uma criança deficiente visual

Rania Moron Saes Braga
Jáima Pinheiro de Oliveira

Como citar: BRAGA, R. M. S. ; OLIVEIRA, J. P. Análise da linguagem oral de uma criança deficiente visual. *In:* MANZINI, E. J. (org). **Educação Especial: temas atuais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000. p21-33. DOI: <http://doi.org/100.36311/2000.85-86738-15-8.p21-33>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ANÁLISE DA LINGUAGEM ORAL DE UMA CRIANÇA DEFICIENTE VISUAL

Tania Moron Saes BRAGA¹

Jáima Pinheiro de OLIVEIRA²

A linguagem, em suas mais variadas funções, constitui-se como um elemento indispensável para o desenvolvimento dos indivíduos, especialmente para o deficiente visual, pois esta oferece base para que o mesmo regule e planeje o seu comportamento. Para tanto, é necessário um aperfeiçoamento dos elementos da linguagem oral, para que o indivíduo tenha um melhor desempenho nas relações sociais, principalmente nos processos posteriores de aprendizagem.

Inicialmente, o contato da criança com o adulto é fundamental na forma como a mesma irá adquirir tal aperfeiçoamento. No caso da criança portadora de deficiência visual, o adulto passa a exercer um papel ainda mais relevante, pois é este que fornece retroalimentação e motivação necessárias à ação da criança. Segundo Bruno (1993) as crianças portadoras de deficiência visual poderão encontrar dificuldades para criar sistemas de significação em virtude da ausência de observação direta de pessoas, objetos e eventos que levam à interação. Para elas, por exemplo, desde o início do desenvolvimento, a comunicação pelo sorriso, a percepção da ação materna para alimentá-la, do ritual diário de higiene, estão ausentes. A capacidade de adaptação ao meio que essas crianças adquirem está diretamente relacionada à qualidade das primeiras interações e comunicações com a figura materna ou à pessoa que cuida delas.

A informação visual tem sido considerada uma ajuda fundamental na aquisição do sistema lingüístico em geral e na aquisição do significado das palavras em particular. Os estudos têm encontrado diferentes resultados na aquisição da linguagem para crianças cegas. Por um lado há autores que afirmam

¹ Docente do Departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP – Campus de Marília, São Paulo.

² Discente do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP – Campus de Marília, São Paulo.

que as crianças cegas adquirem a linguagem de forma semelhante à das crianças com visão. Urwin citado por Pérez Pereira & Castro (1994) afirma que as crianças cegas e seus pais são capazes de usar sistemas alternativos de comunicação que não se baseiam na visão. Isto permitiria a aquisição de uma comunicação pré verbal o que provavelmente é um importante precedente para o início do uso da linguagem. Este estudo mostra que as peculiaridades da primeira linguagem de crianças cegas são comparáveis às de crianças videntes.

Bigelow (1987) centraliza seus estudos no primeiro vocabulário de três crianças cegas concluindo que são similares a dos videntes não somente nas palavras que usam mas na idade e rapidez de aquisição. Bigelow (1990) não encontra diferenças também quanto ao momento em que aparecem as 50 primeiras palavras e quanto a compreensão de preposições espaciais por pré escolares.

Perez Pereira (1994) analisa a linguagem de uma menina cega em relação e sua irmã gêmea vidente e verifica que esta não apresenta atraso no que se refere a complexidade morfosintática. Ambas usaram a linguagem como meio de manter a conversação e especialmente a cega aprendeu a usa-la em circunstâncias apropriadas com clara função pragmática

Por outro lado, temos os investigadores que sustentam que existe diferença entre a linguagem de crianças cegas e aquelas que tem visão normal. Um tema polêmico é abordado por Cutsforth (1969) que denomina de verbalismo ou irrealidade verbal a linguagem carente de significado utilizada pelos indivíduos cegos. Seu procedimento envolveu a apresentação do nome de um objeto para crianças e perguntar pela qualidade do objeto. Ele encontrou considerável porcentagem (48%) de respostas das crianças cegas congênitas apresentavam qualidades visuais enquanto que as crianças que tinham cegueira adquirida apresentavam 68% de respostas visuais. Com base nestes resultados ele afirmou que tais verbalismos levavam ‘a perda e incoerência no pensamento desde que as palavras (e implicitamente os conceitos usados pela criança cega não tinham referencial sensorial como na criança vidente. Estes resultados tiveram implicações para a educação na estruturação de programas que passaram a evitar a utilização de conceitos que não tivessem diretos referenciais sensoriais para a criança cega. Muitos questões foram levantadas a partir dos dados de Cutsforth. Estudos foram realizados que reviram e complementaram as informações existentes e indicaram formas mais específicas de atuação.

Outras investigações como as de Fraiberg (1981) indicam que as crianças cegas demoram mais para dizer orações de duas palavras o que atribui a uma experiência limitada da visão que no entanto desaparece após o terceiro ano. Também verifica atraso no uso do pronome da primeira pessoa como uma consequência de um atraso na auto-representação.

Seguindo essa abordagem, Mills citado por Warren (1984), estudando crianças cegas de 1,9 até 2,1 anos encontrou atrasos em relação aos sons que tem articulação observável. Este atraso é atribuído a dificuldade em ler os lábios para ajudar com a aprendizagem dos movimentos articulatórios.

De um modo geral os estudos têm demonstrado que as áreas de maior discrepâncias no desenvolvimento da linguagem estão na fase de aquisição desta, no desenvolvimento léxico, morfosintático, uso da linguagem para conseguir informações e estilos lingüísticos das crianças deficientes visuais em relação às videntes.

O que conhecemos até o momento sobre o desenvolvimento comunicativo dos deficientes visuais não nos permite o pessimismo. Os problemas decorrentes da falta de visão são superados por vias alternativas sempre que forem se produzidas interações adequadas. Não resta dúvidas sobre quão decisivas são as interações da criança deficiente visual com os que a rodeiam para seu ótimo desenvolvimento. Ainda que a atividade predominante no período escolar seja o desenvolvimento da inteligência e aprendizagem, consideramos que um estudo sobre a análise da linguagem oral de uma criança deficiente visual é relevante na medida em que este desenvolvimento só poderá ser estabelecido nas relações dentro e fora da escola. Sendo assim, um trabalho que investigasse os aspectos da linguagem oral de uma criança portadora de visão subnormal, numa fase antecedente à alfabetização, talvez pudesse dar contribuições significativas, no que se refere ao seu próprio desenvolvimento, especialmente em relação aos níveis de compreensão, utilização e expressão verbais dessa criança.

Para realização desta análise serão necessárias algumas considerações sobre esses aspectos básicos da linguagem, que segundo Salvia & Ysseldyke (1991), são: fonologia, morfologia, semântica, sintaxe.

A fonologia refere-se à maneira de um indivíduo ouvir e discriminar os sons em um língua. Quando se considera o canal expressivo do indivíduo, a fonologia refere-se à produção ou articulação dos sons da fala.

A morfologia é referente à forma como os sons são reunidos para contextualizar a fala do indivíduo. Nessa modalidade de avaliação serão observados, por exemplo, plural, tempos verbais, gênero dentre outros.

A semântica estaria relacionada com o nível de compreensão da criança, ou seja, seu vocabulário adquirido, categorias como: sinônimos, antônimos e outros são observados nesse componente da linguagem, porém este léxico deverá vir também contextualizado na fala da criança, caso contrário não será vantajoso em termos quantitativos.

A sintaxe está relacionada com a forma pela qual a criança estrutura e ordena as frases para que elas adquiram sentido em sua fala. Em uma avaliação de linguagem, existem três componentes relacionados à sintaxe que devem ser observados na criança: classes de palavras (conjunções, advérbios, substantivos, adjetivos, etc), ordem das palavras e transformações. Em relação às classes de palavras pode acontecer de uma criança ter um problema com uma classe específica ou várias. Já em relação à ordem de palavras, pode acontecer da criança ter noção das classes, porém não saber reuni-las ainda conforme o padrão de sua língua. E por último, as transformações, é que possibilitam a mudança na ordem clássica (s-v-o) das palavras, sem tirar o sentido da frase. As crianças que já possuem uma noção intuitiva das regras gramaticais são capazes de realizar tais mudanças.

Além dos quatro aspectos citados anteriormente, quando se avalia a linguagem de uma criança, existem outros que devem ser considerados, como o aspecto pragmático da linguagem oral, que avalia, de maneira geral, o uso que a criança faz da mesma.

Diante das controvérsias constadas na literatura, da escassez de trabalhos realizados com a nossa população e das dificuldades metodológicas, muitas vezes responsáveis pelos resultados encontrados, consideramos desejável a realização de estudos relacionados ao tema .

Portanto, este estudo tem como objetivo analisar os elementos da linguagem oral de uma criança deficiente visual e da metodologia utilizada nesta análise.

Método

Sujeito: o sujeito (S) é cliente do COE (Centro de Orientação Educacional - Unesp - Marília - SP). Atualmente está com 6 anos e sete meses

de idade. É portador de visão subnormal por afecção retiniana bilateral causada por Retinopatia da Prematuridade, com percepção de luz no OE e visão 3/20 no OD, de acordo com laudo médico. Dados da anamnese demonstram que (S) apresentou desenvolvimento normal nos primeiros anos de vida, iniciando atendimento no COE em 1995, com 2 anos e três meses de idade. Aos 3 anos e sete meses de idade começou a freqüentar uma Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI), onde permanece até os dias atuais freqüentando o último ano pré escolar.

Local: a coleta de dados foi realizada no COE, na sala onde S recebe o atendimento pedagógico semanal.

Instrumento de coleta de dados: considerando os objetivos deste estudo, optamos pelo uso de gravações em vídeo, como forma de instrumento de coleta de dados. Além dessas gravações, foram utilizados protocolos para análise das transcrições.

Procedimento: o procedimento constou de gravações de três sessões durante o atendimento no COE. As sessões foram planejadas para registrar as verbalizações de S em interação com a pedagoga, com a mãe e com a psicóloga. Na sessão com a pedagoga foram realizadas atividades de treino visomotor. Na sessão com a psicóloga foram utilizados *fantoches* de animais para que S manuseasse e criasse histórias, de forma aleatória. Na sessão com a mãe, ela inicialmente brinca com a criança utilizando-se de um jogo de figuras com letras em preto e branco e em seguida, utiliza 12 gravuras, nas quais contém seqüências de 3 histórias, narrando essas histórias, para que S as reproduzisse posteriormente.

Análise dos dados: foram selecionadas três amostras de aproximadamente 10 minutos de cada sessão. Essas amostras foram transcritas. As transcrições foram dispostas em protocolos, separando os dados de acordo com cada aspecto da linguagem oral. Para cada amostra, foi utilizado um protocolo e a partir daí, montaram-se as tabelas.

Resultados e discussão

Os resultados que serão apresentados a seguir, correspondem à análise inicial dos principais dados obtidos nas amostras das sessões. Embora a análise de cada amostra tenha sido feita separadamente, os resultados serão

apresentados de forma agrupada, por meio de tabelas, em virtude de se querer, nessa fase preliminar, enfatizar apenas qualitativamente tais resultados. Somente em relação aos aspectos pragmáticos e semânticos do comportamento lingüístico do sujeito, serão feitas algumas observações, levando em consideração a situação específica, para que esses elementos sejam caracterizados de forma mais clara.

a) fonologia

Em relação à fonologia, como pode ser observado na tabela 1, S apresenta a maior parte dos grupos consonantais, considerados as últimas aquisições fonêmicas da criança. Tanto referente à produção quanto ao uso dos fonemas, de maneira geral, o sujeito apresentou resultados que eram, de certa forma esperados para sua idade. Somente em relação ao fonema /S/, que S apresentou uma pequena distorção na produção do mesmo, em alguns enunciados. Mas nesse comportamento, o observador pôde constatar que um dos motivos de tal distorção, pode ser devido à fase de troca dos incisivos centrais superiores de S. Já em outros enunciados não se entende muito bem o que S está dizendo, ou seja, falta clareza na expressão verbal, propriamente dita, mas não devido a algum aspecto fonológico da linguagem, mas talvez por falta de um posicionamento correto dos órgãos fonoarticulatórios, que seria um aspecto mais fonético do que fonológico.

Tabela 1- Fonologia

Fonemas	Enunciados do sujeito
/ S/	“ <u>ch</u> amava”, peix <u>in</u> ho”, “ <u>ch</u> oque”, “cach <u>o</u> orro”.
/ η/	“tijol <u>in</u> ho”, “peix <u>in</u> ho”, “tigel <u>in</u> ha”.
/ λ/	“tel <u>h</u> ado”, “vermel <u>h</u> a”, “coel <u>h</u> o”, “fol <u>h</u> a”.
/ r/	“cach <u>o</u> orro”, “escor <u>r</u> ega”, “cor <u>r</u> eu”.
/ s/	“ <u>i</u> ssu”, “travess <u>e</u> iro”, “pass <u>o</u> ”, “des <u>c</u> e”.

b) sintaxe

Na tabela 2, observa-se que, S construiu frases longas, utilizando basicamente a maioria das classes de palavras de forma adequada, mostrando assim um bom nível de desenvolvimento da linguagem oral. Por outro lado, S praticamente não realizou transformações na ordem clássica (s-v-o) gramatical,

visto que a maioria de suas construções frasais seguia essa disposição. Isso pode ser observado também na tabela 3, na categoria referente à flexão de *peessoa*. Este seria um aspecto que poderia ser melhor discutido, pois já deveria ser mais explorado pelo sujeito, devido à sua idade. Ainda no que se refere ao aspecto sintático de S, observou-se um exagerado uso de flexões do grau diminutivo. Uma das explicações para tal comportamento, pode ser o uso freqüente de tal comportamento por parte das pessoas que interagiram com S nas sessões.

Tabela 2 - Sintaxe

Categorias	Enunciados do sujeito
Construção frasal	<p>“eles viu uma menininha que comeu o bolo.”</p> <p>“talvez o balanço trombou em mim.”</p> <p>“eu acho que ele vive no rio também.”</p> <p>“meu cachorro ficou feio”</p> <p>“quando eu coloquei ela, ela tava af”</p> <p>“por que você colou aquela?”</p>
Classes de palavras	<p><i>verbos</i>: “pegar”, “gostar”, “comer”, “pescar”, “estar”, “ir”, “brincar”, “andar”, “escorregar”, “estudar”, “trombar”, dentre outros.</p> <p><i>adjetivos</i>: “marinho”, “vermelha”, “grande”, “feio”, “perigoso”, “pouco”.</p> <p><i>substantivos</i>: “escada”, “pescaria”, “cerca”, “cavalo”, “coice”, “Jonathan”, “vara”.</p> <p><i>advérbios</i>: “aqui”, “ontem”, “lá”, “depois”, “talvez”, “atrás”, “mais”, “de noite”.</p> <p><i>pronomes</i>: “outro”, “todas”, “aquela”, “quem”, “que”, “eu”, “ele”, “isso”.</p> <p><i>preposições, conjunções, artigos, interjeições e numeral</i>: “com”, “pelo”, “para”, “de”, “mas”, “em”, “nele”, “o”, “as”, “os”, “a”, etc.</p>
Transformações	<p>“tinha uma mulher olhando para a casa bonitinha.”</p> <p>“esse eu preciso.”</p>

c) morfologia

Quanto à morfologia, em relação às categorias que seguem na tabela 3, S emprega corretamente os três tempos verbais principais, de acordo com o requerimento da construção frasal ; S possui flexão de gênero, grau e pessoa. E ainda seguindo a tabela 3, observa-se que S apresentou problemas em relação à flexão de número, ou seja, na maioria das vezes ele não utilizou corretamente o plural, conseqüentemente na sintaxe aparecem também falhas de concordância. Isso pode ser explicado pelo modelo lingüístico ao qual a criança está exposta, por um período maior, especialmente ao da mãe.

Tabela 3 – Morfologia

Categorias	Enunciados do sujeito
tempos verbais	<i>presente</i> : “espero”, “estou”, “aparece”, “gosto”, “tem”, “escorrega”. <i>passado</i> : “tinha”, “comeu”, “ficou”, “pôs”, “passou”. <i>futuro</i> : “poderia”.
Gênero	“a nuvem”, “o sol”, “as estrela”, “os peixinho”, “os tijolinho”.
Número	“uma casa”, “uma menina”, “um boneco”.
Grau	“grandão”, “tamanhoão”, “tigelinha”, “casinha”, “bonitinha”, “cachorrão”.
Pessoa	“ela tá fazendo”, “eles viu uma menina”, “eu esqueci!”, “o balanço trombou em mim”, “deixa eu apagar um pouco”.

d) semântica

Como pode ser visto na tabela 4, apesar de S não ter demonstrado de forma exata os conceitos de *dia* e *noite* e também não ter identificado alguns dos *fantoches* que representavam animais, é possível identificar, pelas emissões de S, um vocabulário, de certa forma extenso e contextualizado. O que deverá ser melhor analisado, talvez num estudo mais específico, é determinar se S realmente possui a representação desses conceitos ou se sua emissão ocorre simplesmente por imitação.

Tabela 4 - Semântica

Frases emitidas pelo sujeito	Situação específica
“Eu vou alto no balanço. E tem um balanço perigoso, que eu vou nele também.” “O balanço trombou em mim.”	Conversa com a pedagoga sobre o parque da escola.
“Escorrega o lápis, ó!”	Brincadeira da criança com um lápis, numa carteira inclinada.
“Uma cobertinha.” “Outra.”	Criança referindo-se aos fantoches de feltro apresentados pela psicóloga.
“Aparece.” “No meu desenho, eu fiz.”	Respostas da criança à pedagoga, quando esta pergunta se aparece sol com estrelas.
“Deixa eu apagar um pouco.”	Criança na lousa, com o apagador na mão.
“Pegou uma escada e subiu.” “... pegando uma carriola, ... e tijolinho.”	Reprodução da sequência “ construção da casa”, pela criança.
“Ele subiu num barco.” “... pegar peixinho na linha...”	Criança reproduzindo a história de uma pescaria.
“Mas dá choque?” “De luz!”	Criança referindo-se a um fio na parede.
“jogou o cavalo no rio e afundou o cavalo.” “... mas era um cavalo marinho.” “... eu acho que ele vive no rio.”	Trechos de uma história contada pela criança com as seguintes personagens (fantoches): o cavalo e o menino “Jonathan”.

e) pragmática

Em relação a esse aspecto, observa-se na tabela 5, que houve uma grande variedade de categorias pragmáticas no comportamento lingüístico de S. Isso demonstra que ele tem um uso variado da linguagem oral. Durante a sessão com a pedagoga, observou-se um maior número de categorias. Um dos principais fatores que pode ter influência sobre esses resultados é o tipo de atividade desenvolvida em cada sessão. Na amostra da sessão com a mãe, ela passa a maior parte do tempo narrando histórias para que S as reproduza, e portanto, era de se esperar que não aparecessem muitas categorias pragmáticas no comportamento de S nessa sessão. Com a psicóloga, é um pouco diferente, pois a sessão é um pouco mais espontânea, ou seja, sem estruturação, e portanto tem maiores chances de aparecerem mais categorias.

Tabela 5 - Pragmática

Categories	Enunciados do sujeito	Situação específica de uso
Questionar	"Que colocou a folha?" "Por que você colou aquela?" "O que é isso aqui?" "Que é isso? Caneta?"	Criança referindo-se às duas folhas utilizadas pela pedagoga, sendo que uma, ela havia colocado na lousa e a outra, ela colocou na carteira da criança. Posteriormente, a criança referindo-se à cesta contendo fantoches. Na última frase, a criança está pegando numa lapiseira, na mão da psicóloga.
Pedir/dar permissão	"Vai lá, pode ir, um , dois, três e já, vai!" "Deixa eu levantar?"	Fala da criança antes da mãe começar a narrar uma história. A criança pede à psicóloga permissão para levantar um rolo.
Atenção/mostrar	"Escorrega o lápis, ó!" "Mas eu fiz, ó!" "Olha o meu cachorrão!" "... ele pulava assim!"	A criança brincando com o lápis na carteira inclinada e a criança mostrando à pedagoga seus desenhos na folha. A criança mostra à psicóloga com o boneco (fantoche) na mão, como o menino pulava.
Explicar	"Eu caí no parque." "Segunda, num foi ontem não." "Quando eu coloquei ela, ela tava no chão."	Explicação da criança à pedagoga de como ela machucou o nariz. Posteriormente, falando à psicóloga quando começaram suas férias. E na última frase a criança explica para a pedagoga que a casa do seu desenho não está "voando".
Responder	"Um boneco." "Uma cobertinha." "Poderia."	Respostas às perguntas da psicóloga, quando ela mostra os fantoches e pergunta o que é cada um. Na última frase a criança responde à pedagoga, após ela perguntar se ele poderia escrever na lousa, sem encostar o nariz na mesma.
Solicitar	"Faz as portinha!" "... o sol, a nuvem, a árvore..." "... e as estrelas?"	A pedagoga reproduzindo o desenho da criança na lousa de acordo com seus pedidos (criança).
Interromper	"Palavras..." "Um bolo?" "E comeu..."	A criança interrompe a pedagoga quando esta pergunta quais as letras ela estava aprendendo na escola. As duas últimas frases, correspondem aos momentos nos quais a criança interrompe a mãe, quando esta está narrando as histórias.
Dispositivos de organização da Fala	"Jonathan" "Vô Bento"	Personagens das histórias produzidas pela criança.
Declarar/afirmar	"Meu cachorro ficou feio." "Ele pôs a mão no rabo do cavalo." "Vai precisar de dois 'a'."	Criança referindo-se ao seu desenho. Frase da criança, ao narrar uma história para a psicóloga. Afirmção da criança, quando ela está escrevendo a palavra casa para a mãe.

Considerações finais

Os resultados aqui apresentados permitem concluir que a metodologia empregada mostrou-se adequada para analisar a linguagem oral na criança deficiente visual.

O uso de recursos da videogravação é indispensável como forma de coleta de dados na medida em que algumas interações não poderiam ser identificados de outra forma. Especialmente por se tratar de um estudo cujo objetivo era o de analisar a linguagem oral de uma criança deficiente visual verificou-se que muitas vezes a criança nomeava objetos após tateá-los. A nomeação correta e análise de outros elementos da linguagem só foi possível pela metodologia utilizada.

Adicionalmente, a exibição destes registros permite a avaliação de aspectos da atuação dos profissionais que em atividades de rotina passam despercebidos, como é o caso do cuidado no fornecimento de informações adequadas sobre o que é discutido com a criança.

Foi possível pela análise das sessões verificar, de maneira geral, que não há diferença significativa entre os elementos da linguagem de S, presentes no seu repertório, em relação ao apresentado pela literatura, referente à criança com visão normal. Deve-se ressaltar, no entanto, a impossibilidade de generalizações relacionadas à linguagem oral do deficiente visual, dado o tamanho da amostra. Outros aspectos precisam ser observados quando consideramos este resultado: o sujeito não apresenta outros problemas físicos ou psicológicos associados ; mora com a família ; frequenta uma pré escola regular e recebeu atendimento especializado pedagógico e fonoaudiológico desde os 3 anos de idade

Alguns resultados encontrados poderão contribuir para o direcionamento de ações pedagógicas. É o caso, por exemplo, dos desempenhos morfológico e sintático de S, que em algumas categorias, os resultados apresentaram-se de forma inferior ao esperado para a idade de S.

Pensando sobre a importância do comportamento verbal na mediação para a aprendizagem da criança deficiente visual e dos relatos iniciais deste estudo constatamos a necessidade de novas investigações direcionadas a avaliar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem e produzir métodos e instrumentos de avaliação adaptados para tais crianças

Referências Bibliográficas

- BIGELOW, A. Early Words of blind children. *Journal of Child Language*, v. 14, p. 47-56, 1987
- _____. Relationship between the development of language and thought in young blind children. *Journal of Visual Impairment and Blindness*. v. 15, p. 414-419, 1990
- BRUNO, M. M. G. *O desenvolvimento integral do portador de deficiência visual*. São Paulo: NEWSWOEK, 1993.
- CUTSFORTH, T. D. *O cego na escola e na sociedade*. Brasília: MEC, 1969.
- FERREIRA, L. P. Análise das vocalizações a partir de estímulo visual seqüencializado em crianças de 4, 5 e 6 anos de idade. *Distúrbios da comunicação*, (São Paulo), .v 3, n.1, p. 21-31, 1989.
- FRAIBERG , S. *Ninos cegos*. Madrid: Instituto Nacional de Servicios Sociales, 1981.
- ISSLER, S. *Articulação e Linguagem*. São Paulo: Ed Lovise, 1996.
- PÉREZ PEREIRA, M. Imitations, repetitions, routines, and the child's analysis of language: insights from the blind. *J. Child Lang*, v. 21, p. 317-37, 1994.
- _____. CASTRO, J. *El desarrollo psicológico del los niños ciegos en la primera infancia*. Barcelona: Paidós, 1994.
- SALVIA, J., YSSELDYKE, J. E. *Avaliação em educação especial corretiva*. São Paulo: Manole LTDA, São Paulo, 1991.
- WARREN, D. H. *Blindness and early childhood development*. New York: American Foundation for the Blind, 1984.